

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
-------------------------	----------

I A SERVIDÃO POLÍTICA DA NÃO DIRECTIVIDADE

1. A resposta não directiva às exigências do desenvolvimento	17
1.1. A reprodução na imobilidade do sistema económico	17
1.2. As mudanças escolares numa estratégia de desenvolvimento	17
1.3. Vencer «a escassez de criatividade»	18
1.4. Sincronizar os ritmos dos sistemas económico e educativo	19
1.5. O primado da relação em prejuízo do conteúdo	20
1.6. Contra a burocracia contraproducente do sistema	22
2. A não directividade em Portugal	23
2.1. EFTA ou CEE: eis a questão	23
2.2. A escola sob o domínio dos partidários da EFTA	24
2.3. O ideário do Tratado de Roma e a estratégia política do partido liberal	25
2.4. A necessidade de mudança nas relação de trabalho	26
2.5. Reflexos da <i>nova política económica</i> na política educativa	27
2.6. A oportunidade histórica da não directividade	29
2.7. A impossibilidade da <i>evolução na continuidade</i> . A revolução de Abril	31

DA NÃO DIRECTIVIDADE À OBJECTIVOCRACIA

1. A necessidade de cientificar o ensino	37
1.1. As resistências da não directividade	37
1.2. A irreversibilidade da ciência do comportamento	38
1.3. Divergências tácticas, convergências estratégicas	39
1.4. Ensinar é modelar comportamentos	41
1.5. Face às exigências do empresário o professor clássico está «fora de moda»	42
2. As empresas e a luta pela sobrevivência	45
2.1. A gestão e o primado dos resultados	45
2.2. A nocividade do modelo não directivo de gestão empresarial	46
2.3. O tempo histórico da teoria das relações humanas	47
2.4. A sobrevivência das empresas exige uma gestão por objectivos	48
2.5. A selecção e a promoção do pessoal devem assentar numa avaliação de comportamentos observáveis	49
2.6. A necessidade de educar por objectivos	50
2.7. O que está em jogo é a sobrevivência do capitalismo	51
3. A selecção natural das culturas	53
3.1. O padrão da evolução das culturas	53
3.2. As possibilidades de sobrevivência da cultura americana	53
3.3. O perigo das teorias da psicoterapia	54
3.4. O pessimismo pedagógico e o optimismo metafísico de Rogers	56
3.5. É preciso abolir o «homem autónomo»	59
3.6. É preciso vencer a reacção anticientífica dos professores não directivos	60
3.7. Os adeptos da liberdade comportam-se como inimigos do sistema	61
4. A teoria e a filosofia de Skinner	65
4.1. Thorndike e a <i>lei do efeito</i>	65
4.2. Condicionamento clássico e condicionamento operante	65
4.3. A modalidade de condicionamento que funciona no discurso da liberdade	66
4.4. O controlo não perceptível	67
4.5. Advertência de Skinner aos detentores do poder	67
4.6. Não se trata de libertar o homem mas sim de salvar a cultura	68

4.7. «O que está errado na América»	69
4.8. Governar é planear o homem e a cultura	70
4.9. Resposta às objecções	71
4.9.1. Primeira objecção: a questão do incentivo	71
4.9.2. Segunda objecção: a questão da imprevisibilidade	72
4.9.3. Terceira objecção: a questão do poder	73
4.10. A selecção natural dos mais aptos ou a lei do mais rico	74
5. A Pedagogia por objectivos: <i>output</i> do sistema.....	77
5.1. A tecnologia do comportamento peca por excesso	77
5.2. Definição de objectivos e avaliação de resultados: eis a que se resumem as necessidades da mudança	79
5.3. Os objectivocratas actuam do lado dos <i>outputs</i>	80
5.4. Os empresários actuam do lado dos <i>inputs</i>	82
5.5. A sensibilidade selectiva da <i>caixa preta</i> . A auto-regulação do sistema	83
5.6. A pedagogia dos objectivocratas não combate o insucesso escolar	85
5.7. A eficácia conservadora da pedagogia por objectivos	85